

Zeca Pagodinho
grava com cantora
portuguesa



PÁGINA 3

Mais um longa da
grife Hamaguchi
chega ao Brasil



PÁGINA 6

Espectáculo
desmonta tabus
sobre o HIV



PÁGINA 5

2º CADERNO

Cantor e compositor ignora lógica do mercado e lança álbum triplo de inéditas e mais um disco bônus

Nesses tempos de streamings e uma quantidade simplesmente incontável de singles lançados a cada semana, Nando Reis caminha pela contramão. E feliz. O cantor e compositor acaba de lançar de uma vez quatro novos álbuns. Trata-se do triplo “Uma Estrela Misteriosa” e um disco bônus, também de canções inéditas, que estará disponível apenas como extra de um box especial em vinil. Quem comprar o box físico, em LPs, terá acesso a todas as músicas no mesmo momento.

Quem optar por ouvir os trabalhos nas plataformas de áudio terá de esperar um pouco mais. Isso porque a divulgação no formato digital será feita em etapas, ao longo de dois meses.

A produção conta com a participação de renomados músicos internacionais. Entre eles estão Peter Buck (R.E.M), Barrett Martin (Screaming Trees), Duff McKagan (Guns N’ Roses), Krist Novoselic (Nirvana), Mike McCready e Matt Cameron (Pearl Jam).

“Uma Estrela Misteriosa” realmente de forma despretensiosa. Em princípio, Nando e sua banda se reuniram num estúdio para a gravação de duas músicas inéditas para o programa “Singing Earth”, idealizado por Barrett. “Fomos tão bem que acabamos gravando dez músicas. Nesse meio tempo, ele escreveu outras dez. Apesar de não termos planejado, quando nos demos conta, estávamos gravando um álbum. Foi tudo muito rápido e natural”, conta Martin.



Nando Reis posa para fotos durante a coletiva de lançamento do álbum triplo ‘Uma Estrela Misteriosa’

Nando Reis caminha na contramão

“Sempre que me perguntam qual é a minha profissão, respondo: ‘Sou um fazedor de discos’; é o que mais gosto de fazer’. O disco contém tudo: a criação em forma de composição e arranjo, a aplicação do que me formou e a semente para o que virá. ‘Uma Estrela Misteriosa’ é como um

auto-retrato que vai da memória ao sonho, da realidade à utopia. Eu, vezes eu, somado a todos que estão ao meu redor”, disse Nando na coletiva de imprensa do lançamento deste ambicioso trabalho.

“Esse disco foi feito em três etapas e eu tive um surto de inspiração. Eu passava

oito horas no estúdio, e chegava em casa não conseguia descansar, queria produzir mais”, recorda o ex-titã, que mostrou-se muito feliz com o resultado.

Ele define esse novo trabalho como “o mais ambicioso de sua carreira até então”, porque trata-se de um projeto colaborativo, inclusivo, sustentável e descentralizado. “Estou na minha melhor fase de vida e profissional. A forma como eu encaro a minha profissão é buscando um equilíbrio. Eu faço muita coisa. Eu faço, felizmente, o que eu gosto. Mas para fazer o que eu gosto, eu faço muita coisa que não é exatamente o que eu gosto. Mas para fazer o que eu gosto, eu faço muita coisa que não é exatamente o que eu gosto. Eu tenho que lidar com a realidade. Eu jogo o jogo”, completa.

Continua na página seguinte

Divulgação

CORREIO CULTURAL

Rue des Archives/DILTZ



Carrie Fisher como a Princesa Leia e o famoso biquíni

Biquíni usado em 'Star Wars' é arrematado em leilão

Um dos figurinos mais famosos da história do cinema foi leiloadado em Dallas (EUA), na última semana. O icônico biquíni dourado usado pela Princesa Leia em "Star Wars: O Retorno de Jedi" (1983) foi arrematado por US\$ 175 mil (cerca de R\$ 988 mil).

A atriz Carrie Fisher, que viveu a princesa nos três primeiros filmes da saga,

afirmou que pensou que o diretor George Lucas estava brincando quando viu o figurino pela primeira vez. Fisher, que morreu em 2016, refutava o título de sex symbol e se queixava da sexualização que sofreu pelo papel. Em 2015, ela aconselhou Daisy Ridley, estrela dos filmes mais recentes da saga, a "lutar pelo seu figurino".

É plágio?

O diretor criativo da Yves Saint Laurent, Anthony Vaccarello, usou as redes para contestar o vestido usado por Lady Gaga na abertura das Olimpíadas de Paris. Segundo ele, a peça, da grife Dior, teria semelhança com uma de sua marca.

Virou realidade

A desistência de Joe Biden de disputar a reeleição nos Estados Unidos, sendo substituído pela vice Kamala Harris injetou a audiência da série "Veep", da HBO. A internet de repente ficou repleta de clipes, GIFs e fancams da atração.

Mal estar

Campeão do BBB 24, Davi Brito voltou a causar um mal-estar na Globo. O baiano passou a interagir nas redes com José Eduardo, apresentador do Balanço Geral Bahia (Record). A Globo encara o gesto como propaganda para o concorrente.

Dylan na telona

É com o cabelo levemente bagunçado e entoando versos da canção "A Hard Rain's A-Gonna Fall" que Timothée Chalamet aparece nas primeiras imagens divulgadas de "A Complete Unknown", biopic sobre a carreira de Bob Dylan.

'Trinta músicas fizeram sucesso. E as outras?'

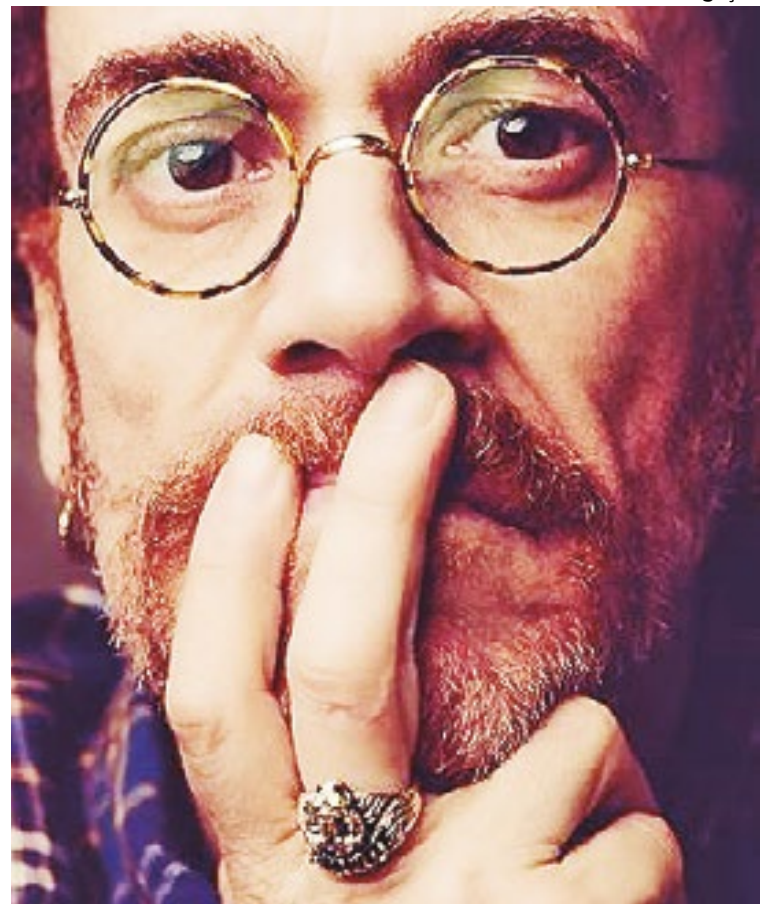
Divulgação

Nando Reis já escreveu mais de 600 composições, ultrapassou a marca de 1.200 músicas gravadas, possui mais de 10 discos lançados em sua carreira solo e outros 13 como integrante dos Titãs. "Dizem que eu sou hitmaker, 30 músicas fizeram sucesso, e as outras 570? São coisas muito melhores até das que fizeram sucesso, ou igualmente boas, ou que certamente coisas que eu gosto muito", comenta o cantor e compositor.

Na coletiva, o músico disse ainda não ter perdido criatividade após deixar de usar drogas e afirmou que está há quase sete anos sem usar álcool e outras substâncias. "Álcool, drogas, eles não tem nada a ver com criatividade. Eu usei para me desinibir, porque a essa minha autocrítica é muito severa, e muitas vezes paralisante. Nunca publiquei nada que eu não tivesse checado 2, 3, 4, 5 vezes sóbrio porque é fácil se iludir."

Ao explicar o motivo de lançar um álbum, Nando triplo mais um disco bônus em tempos que os singles dominam o mercado, Nando apresenta os seus motivos: "Eu tenho uma certa relutância, um certo incômodo dessa super fragmentação, dessa super pulverização, das pílulas, do skip [termo derivado do inglês usado para definir o ato de pular faixa], da era digital", explica o artista sobre as novas tendências de consumo de música. "Eu não sou assim e tenho essa ambição de botar um calhamaço na mesa e ir contra a maré."

Nando Reis anunciou, ainda, uma turnê nacional de 24 datas, de setembro a dezembro deste



Além do novo trabalho, Nando Reis anunciou uma turnê nacional com 12 datas a partir de setembro

“Álcool, drogas, eles não tem nada a ver com criatividade. Eu usei para me desinibir, porque minha autocrítica é muito severa”

Nando Reis

ano. Começa em Macapá, onde o show será gratuito e realizado na Fortaleza de São José, e passa por São Paulo, em 12 de outu-

bro, no Espaço Unimed, e pelo Rio em 30 de novembro, na Farmasi Arena.

Sobre a escolha do setlist do show, o músico disse que fará um mix entre seus clássicos e inéditas. "Não vou fazer num show só com música inédita porque eu não sou louco, eu quero que as pessoas saiam satisfeitas do show e vou, mas vou tentar ter 60% de música nova, alguma coisa assim, mas, para que eu possa fazer isso, eu preciso tocar em espaços adequados, embora eu vá fazer a insanidade de estrear minha turnê em praça pública no Macapá. Então, o pessoal do Macapá vai ouvir um monte de hits e novidades, inclusive, 'Macapá', e vão se divertir", garante.

Zeca Pagodinho grava faixa com cantora portuguesa

Releitura da seresta 'Arranha-Céu' fará parte do primeiro disco que Cuca Roseta vai lançar no Brasil

Já está nas plataformas digitais o single que marca o encontro da artista portuguesa Cuca Roseta com Zeca Pagodinho. O dueto entre a fadista e o compositor foi gravado no estúdio Visom (RJ) e fará parte do primeiro álbum que Cuca Roseta lançará no Brasil, em setembro (MPB, Discos/ Som Livre).

A canção escolhida para o

dueto é "Arranha-céu", seresta originalmente lançada em 1937 por Sílvio Caldas (1908/1998), fruto da parceria de sucesso do "Seres-teiro do Brasil" com o compositor, escritor e jornalista carioca Orestes Barbosa (1893-1966).

A cantora e compositora Cuca Roseta conta mais sobre o encontro: "Arranha-céu, essa obra-prima de Sílvio Caldas, renasce numa partilha entre o Fado



Cuca Roseta e Zeca Pagodinho durante a gravação da faixa. A cantora portuguesa classificou o dueto com o sambista como um sonho

português e a voz eterna de Zeca Pagodinho. Uma história tão atual com um poema de cortar a respiração, um desenho genial de sentimentos profundos. Zeca tem essa voz e presença que já res-

soam em nossas veias desde que viemos ao mundo: é como um som primordial da natureza, contando histórias como ninguém. Se algum dia sonhei esse presente da vida? Não, está muito para lá

Divulgação

do meu sonho", empolga-se.

A gravação contou com a participação do instrumentista Marcelo Caldi se revezando entre o acordeão e o piano, em arranjo delicado que destaca a interpretação da dupla. Caldi assina todos os arranjos do álbum, com exceção do que foi escrito pelo violonista Marcello Gonçalves para a canção 'Até a Fé Se Esqueceu', parceria de Cuca com Zé Renato.

O álbum inédito de Cuca Roseta, que tem produção e seleção de repertório de João Mário Linhares, sela a aproximação da portuguesa com a música brasileira: além de Zeca Pagodinho, Seu Jorge e Zé Renato participam em outros dois duetos. Compositores como Tom Jobim, Dori Caymmi e Paulinho Moska também fazem parte do repertório.

Tendo cantado em mais de 50 países, neste ano de 2024 Cuca Roseta também celebra 15 anos de carreira e considera ser este o momento perfeito para mergulhar no cancionário brasileiro.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Alok faz releitura

O DJ e produtor brasileiro Alok acaba de lançar nas plataformas digitais uma releitura do mega-hit "Allein Allein" de Polarkreis 18, junto com o grupo Inneverse e Frey. Na faixa, os sintetizadores e vocais explodem em um refrão energético, criando uma atmosfera de festa, alegria e nostalgia. Alok é o artista brasileiro mais ouvido em todo o mundo e está classificado em 143º lugar em streams em todo o mundo. O DJ estreou a faixa em seu set no festival Tomorrowland na Bélgica há duas semanas.

Divulgação



Reprodução YouTube



MPB + pop francês

O cantor, compositor e quadrinista Camilo Solano se une ao francês Joseph Chedid no single "Hey Friend!", uma celebração da arte e da amizade que leva a MPB à sonoridade do pop francês. E vice-versa. A parceria surgiu de uma inusitada amizade e ganha um clipe gravado a distância com múltiplas plataformas visuais. "Montamos a ideia do videoclipe desde o começo. Sempre tínhamos pensado em fazer algo dividindo telas e nós meio que fazendo as mesmas coisas, distantes fisicamente mas conectados por algo... no caso a música", destaca Solano.

Divulgação



Projeto colaborativo

O grupo curitibano Capim Limão e o coletivo Canetaria se entrelaçam musicalmente pela primeira vez em projeto de quatro singles inéditos. "Em clima de experimentação, reunimos grandes nomes da composição durante um final de semana de imersão criativa em São Paulo, buscando trazer toques de brasilidade ao som indie do Capim Limão", explica Tiê Castro, líder do coletivo artístico. "Noites de Monza", primeira faixa do projeto, foi apresentada pela primeira vez ao vivo durante apresentação do Capim Limão no Festival Coolritiba.

Infantil 'Da Janela' coloca o tema no centro da trama

Malu, Nina e Cadu são três crianças vizinhas que se conhecem pelas janelas de suas casas. Aos poucos, começam a se comunicar à distância e a amizade do trio se inicia à medida em que aprendem instintivamente a lidar com as diferenças de cada um. Com este ponto de partida, o espetáculo infantil "Da Janela", em cartaz no Sesc Tijuca, foi construído na sala de ensaios em um processo que colocou a acessibilidade dentro de todas as etapas da criação.

Com a participação de consultores de inclusão e pessoas com deficiência em sua ficha técnica, o diretor Marco dos Anjos concebeu um espetáculo em que teatraliza recursos de acessibilidade na comunicação e promove uma encenação inclusiva a crianças com deficiência.

Afinal, de sua janela, Malu (Elizândra Souza) – com o auxílio de um binóculo – narra tudo o que acontece na vizinhança e, desta forma, consegue descrever o que acontece em cena para os que não veem. Já a personagem Nina (Mariana Siciliano), que é surda, ensina a Cadu (Vinicius Teixeira) como ele pode falar sem usar as palavras.

Ao longo das cenas, a inclusão aparece de forma orgânica, resultando em um espetáculo que pode ser acompanhado da mesma forma por crianças e adultos que possuam ou não qualquer tipo de deficiência. Durante o processo, Thamires Ferreira, atriz e intérprete de Libras, se juntou ao grupo e passou a fazer parte do elenco como a síndica da vizinhança onde se passa a história. Ela comenta sobre o que se passa no palco com a plateia.

A produção contará ainda



De sua janela, Malu – com o auxílio de um binóculo – narra tudo o que acontece na vizinhança e, desta forma, consegue descrever o que acontece em cena para os que não veem. A personagem Nina, que é surda, ensina a Cadu como ele pode falar sem usar as palavras

Acessibilidade no palco

com fones abafadores para pessoas com sensibilidade auditiva e monitores especializados para auxílio de pessoas neurodivergentes, além da acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida e cadeirantes.

"Da Janela" tem na ficha técnica Bárbara Galvão e Felipe Valle (direção de produção), Ananda K (trilha sonora e direção musical), Ricardo Gadelha (direção de movimento e preparação corporal), Cachalote Mat-

tos (cenografia), Teresa Abreu (figurinos) e Ana Luzia Molinari de Simoni (iluminação).

Todo o processo de criação do espetáculo foi motivado pelo desejo do encenador Marco dos Anjos de pesquisar com profundidade a inclusão de pessoas com deficiência em um espetáculo. Ao mesmo tempo em que os recursos de acessibilidade são cada vez mais comuns e presentes nas apresentações teatrais, Marco os via como algo "à parte", sem uma

integração com o que estava sendo apresentado em cena. Logo ele se desafiou a criar um espetáculo em que esses recursos estivessem também teatralizados.

Para isso, ele contou com a consultoria de Vanessa Bruna (Incluir pela Arte) e Christofer Alex, que estiveram em ensaios e foram decisivos para a formação final da dramaturgia e da direção. E a equipe do espetáculo inclui profissionais com deficiência, como o caso da atriz

Mariana Siciliano, que é surda.

"Eu quis fazer um mergulho profundo nessa pesquisa, quis colocar a inclusão radicalmente na cena, inserida dentro do que acontece no palco", resume o diretor, que coleciona mais de 50 prêmios com a companhia Trupe do Experimento, da qual é diretor artístico há 18 anos e assinou nove espetáculos neste período.

SERVIÇO

DA JANELA
Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
Até 25/8, aos sábados e domingos (16h)
Ingressos: Infantil - R\$ 10, R\$ 5 (meia), R\$ 2 (associado Sesc) e gratuito (PCG) | Adulto - R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado do Sesc) e gratuito (PCG)

Desmontando preconceitos

Abordando o HIV através de metáforas e trabalhando a desestigmatização do tema, a peça 'A casa de Hugo Ivo' está em cartaz no Teatro III do CCBB

Intencionando desvincular os estigmas que circundam o vírus HIV desde a sua descoberta, o multiartista Zéza escreveu "A Casa de Hugo Ivo", montagem teatral inédita em cartaz no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil. O texto encontrou ressonância dentre os colegas da Multifoco Cia de Teatro que, dirigidos por Ricardo Rocha, já desejavam seguir discutindo o assunto, inicialmente apresentado na peça "O Cavaleiro Amarelo" (2019), onde Zéza também atuava.

Sendo uma montagem na qual se destaca o atravessamento de diversas linguagens cênicas que mesclam acrobacia circense, teatro e dança, a linguagem de Libras também entrará em cena comunicando a história aos espectadores surdos de forma inclusiva e espontânea. Das 28 apresentações, oito terão tradução simultânea de Libras e duas terão audiodescrição ao vivo. CFocada em receber um público de jovens e estudantes, a montagem realiza apresentações gratuitas e vespertinas e, em paralelo, cumpre uma temporada noturna e independente, para alcançar o grande público, ambas no CCBB.

Hugo Ivo recebe todes para a festa em sua casa e promete diversão sem limites. Mas o que parecia um acordo com consentimento se revela invasivo e tóxico. A festa que nunca acaba chega à beira do colapso e é preciso parar. Será necessário encontrar novas formas de habitar e conviver, novos ho-



Daniel Debortoli/Divulgação

'Esta história se compromete a afirmar que o vírus pode acometer qualquer pessoa, independente da raça, gênero ou orientação sexual', afirma Zéza ao falar da proposta do espetáculo

rizontes serão abertos. Um pacto para a construção de novas pontes contra a desinformação, contra os estigmas e o preconceito, em favor do respeito, da diversidade e da saúde.

"A casa de Hugo Ivo' é minha saída oficial desse segundo armário, chamado HIV. Qualquer pessoa tem o direito assegurado por lei de manter a sua sorologia em sigilo, mas há anos eu falo sobre

ser uma pessoa vivendo com HIV. Só que é difícil falar abertamente sobre esse tema ainda tão estigmatizado e silenciado pelo preconceito. As pessoas têm dificuldade de falar de HIV porque toca em dois temas tidos como polêmicos: o sexo e a morte", pondera Zéza, artista que teve uma inspiração inicial pro trabalho ao se deparar com "Uma Visita Inoportuna", do dramaturgo argentino Copi.

Ao contrário da obra inspiracional, escrita num tempo em que viver com HIV era sinônimo de uma sentença de fim, na contemporaneidade o cenário é bem outro. "A vontade da Multifoco querer falar deste tema é muito cara pra mim, uma pessoa LGBTQIAPN+. Nossa comunidade sempre foi o principal alvo de todos os preconceitos ligados ao vírus e, talvez por isso mesmo, seja

a grande responsável pelos avanços que conseguimos em relação a esta epidemia. Esta história se compromete a afirmar que o vírus pode acometer qualquer pessoa, independente da raça, gênero ou orientação sexual", pondera Zéza.

Vencedor do 34º Prêmio Shell de Teatro na categoria "Melhor Cenografia" pelo trabalho desenvolvido em "Eyja: primeira parte, a ilha", outra vez o diretor e cenógrafo Ricardo Rocha apresenta ao público um cenário que causa impacto, como um origami gigante que não apenas adorna, mas, sobretudo, interage com os atores e os desdobramentos da história. "O espetáculo traz uma grande metáfora da relação do HIV com as diversas etapas do vírus com o corpo humano: da entrada ao colapso do corpo, até o tratamento com os medicamentos antirretrovirais. A infecção é tematizada numa pessoa que não é LGBTQIAPN+ justamente para desassociar a infecção desta população, algo tão comum e equivocadamente relacionado", pontua Ricardo.

Para Bárbara Abi-Rihan, existe um desejo de abordar o assunto por uma outra via. "Esta montagem é uma resposta ao que experienciamos quando montamos 'O Cavaleiro Amarelo', que tinha um caráter muito informativo, algo como uma 'peça-palestra'. Agora, tratamos e apresentamos o tema, mas não panfletando o assunto. E existe um reforço na questão do vírus indetectável, que está sendo tratado no organismo e, consequentemente, não está se reproduzindo. Assim, ele não é transmitido, não há risco de contaminação. Esta é a cura que, hoje, temos para esta questão. Precisamos nos descolar um pouco da forma estereotipada que muitas pessoas olham pro vírus até hoje, em virtude do que vivemos nos anos 1980, quando ele surgiu", destaca Bárbara.

SERVIÇO

A CASA DE HUGO IVO
Teatro III CCBB (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Até 11/8, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A grife Hamaguchi

Fotos/Divulgação



'O Mal Não Existe', de Hamaguchi, foi premiado em Veneza no ano passado



'Drive My Car' foi laureado com o Oscar de Melhor Filme Internacional e hoje está na Netflix

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Enfim chegou ao Brasil "O Mal Não Existe", de Ryūsuke Hamaguchi, cineasta que renovou a força autoral do Japão nas telas. A produção conquistou o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza de 2023.

Numa fina estrutura dramática, o realizador de 45 anos se volta para o dia a dia de Takumi e sua filha, Hana, que vivem em um vilarejo nos arredores de Tóquio. Lá, gerações de famílias levam uma vida simples, ditada pelos recursos e ciclos da natureza. Takumi descobre que duas grandes empresas planejam construir, perto de sua casa, um local que será um camping de luxo para turistas que desejam "escapar" da cidade.

Mas a construção terá impacto no fornecimento de água e será uma ameaça ao equilíbrio ambiental do lugar. Seu coeficiente de dor, mas também de superação, caracterizam o olhar lírico do diretor, que ganhou fama no início desta década.

De volta às telas brasileiras com 'O Mal Não Existe', realizador que renovou a força autoral do cinema japonês brilha nas plataformas de streaming com o oscarizado 'Drive My Car'

Divulgação



Seu projeto atual é "Our Apprenticeship", que deve mirar o Festival de Cannes de 2025. Nada se sabe sobre sua nova trama, mas enquanto ela sai do papel o trabalho de maior culto e de sucesso de Hamaguchi, "Drive My Car", ganha uma nova vitrine, não por acaso, o mais popular dos streamings: a Netflix. A MUBI ainda mantém essa produção de US\$ 1,3 milhão, ganhadora do Oscar de Melhor Filme Internacional de 2023, em sua grade. Mas a chegada ao www.netflix.com amplia o prestígio e a popularidade de Hamaguchi. Num papo com o Correio da Manhã, quando integrou o júri da Berlinale, há dois anos, o cineasta falou sobre desejo de se comunicar pelas telas:

"Eu tento entender o isolamento, em parte por vir de uma cultura na qual as pessoas têm dificuldades para exprimir o que sentem e para

expressar suas inquietações. E eu tenho um profundo apresso pela força plástica da palavra do cinema. O silêncio, no meu cotidiano já diz

muito. Gosto de que vá além dele", disse Hamaguchi, que concorreu aos Oscars de Melhor Roteiro Adaptado e de Melhor Direção também por "Drive My Car".

Com uma bilheteria de US\$ 15 milhões, o longa é um (melo) drama idealizado como releitura das tramas da coletânea "Homens Sem Mulheres" (2014), de Haruki Murakami, um dos maiores escritores da atualidade. Releitura essa que conquistou Globo de Ouro de Melhor Filme de Língua Não Inglesa, três prêmios em Cannes (Melhor Roteiro, Prêmio do Júri Ecumênico, Prêmio da Crítica) e mais 96 laureas.

Egresso da província de Kanagawa, Hamaguchi faz de "Drive My Car" uma experiência catártica de sublimação de perdas. É um drama devastador, mas que conquista pela sutileza e pela delicadeza, dia-

logando com a peça "Tio Vayna", de Anton Tchekhov (1860-1904). De carona em sua trama, acompanhamos a saga de um ator e diretor de teatro em reinvenção, após a morte de sua mulher, construindo laços afetivos com uma jovem motorista.

"Talvez a grande escola cinematográfica que eu siga seja John Cassavetes no filme 'Uma Mulher Sob Influência', que eleva a potência de uma atriz ao extremo", disse Hamaguchi. "Toda a verdade que existe em cena vem da organicidade que sua estrela dá ao que ele quer contar. É o que eu busco no processo com meus colegas do elenco".

Em 2021, Hamaguchi foi laureado na Berlinale com o drama "Roda do Destino" ("Wheel of Fortune and Fantasy"), que lhe rendeu o Grande Prêmio do Júri, na forma de um Urso de Prata. Badalada mundialmente, a produção narra três histórias autônomas, todas protagonizadas por personagens femininas. As três falam dos encontros e desencontros da vida, de desejos represados e do poder do acaso na transformação e nos relacionamentos.

James Baldwin,

Ícone do antirracismo de incansável independência

Por Waltar Porto (Folhapress)

No funeral de James Baldwin, em 1987, uma das encarregadas de discursar foi Toni Morrison, poucos anos antes de se tornar a primeira mulher negra a levar o Nobel de Literatura. Mas ali quem falava era uma amiga, sete anos mais nova, que se referia a ele como “Jimmy”. “Há coisas demais a pensar sobre você, e coisas demais a sentir. A dificuldade é que sua vida rejeita ser resumida — sempre rejeitou — e convida, no lugar, a ser contemplada.”

Cem anos depois do nascimento do autor, marco que se completa nesta sexta-feira (2), essa contemplação não se abrandou — e Baldwin não se tornou nem um pouco mais fácil de definir.

Novaiorquino do Harlem morto de câncer em Paris, onde morou durante a maior parte da vida madura, Baldwin não foi apenas um escritor celebrado por romances como “Terra Estranha” e “Se a Rua Beale Falasse”, mas um intelectual capaz de se inserir com voracidade e elegância no debate público, influenciando discussões sobre raça, sexualidade e religião num esforço de incansável independência.

“Baldwin consegue vivenciar a ambiguidade como um lugar”, afirma o sociólogo Márcio Macedo. “E a ambiguidade é a única forma de entender a experiência negra em toda a sua complexidade.”

Com isso, diz o professor, ele conseguia entender e organizar, na ebulição dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos anos 1960, tanto a radicalidade dos Panteras Negras e dos muçulmanos que estavam com Malcolm X quanto a perspectiva pacifista de Martin Luther King.

Seu mais recente lançamento no Brasil, a reedição de “Da Próxima Vez, o Fogo” na Companhia das Letras — que encampa um projeto sólido de reapresentação do autor ao público desde 2018 —, traz o longo ensaio autobiográfico “Ao Pé da Cruz: Carta de uma Região de Minha Mente”, que deixa ex-

Escritor de obras como ‘Terra Estranha’ e ‘O Quarto de Giovanni’ trilhou um caminho solitário e rejeitava ser representante alheio

Divulgação



Novaiorquino do Harlem morto de câncer em Paris, James Baldwin não foi apenas um escritor celebrado, mas um intelectual capaz de se inserir com voracidade e elegância no debate público, influenciando discussões sobre raça, sexualidade e religião num esforço de incansável independência

plicita a singularidade de seu percurso.

O texto mostra sua incorporação e, então, afastamento dos valores tradicionais de sua família; o mesmo balanço pendular em relação ao trabalho como pregador numa igreja cristã, na juventude; movimento que depois repete num encontro com o mítico líder Elijah Muhammad, da Nação do Islã. Aqui, há uma cena fascinante.

Cercado de acólitos numa mesa em sua casa, Muhammad percebe que Baldwin não pretende se filiar a seu grupo e pergunta, então, o que ele era se não muçulmano. “O que sou? Agora? Não sou nada”, responde ele,

algo desconfortável. “Sou escritor. Gosto de fazer as coisas sozinho.”

“Não sei se a literatura do Baldwin é desejada por muita gente”, diz o historiador e educador Allan da Rosa. “É uma literatura que aceita demonstrar fraquezas de discursos tidos como libertadores e forças de discursos tidos como superados.”

Segundo o pesquisador, Baldwin tensionava “isso que hoje a gente chama de representatividade”. “Ele dizia que o escritor não é deputado para representar milhões de pessoas. Se ele quiser representar essas pessoas, vai deixar de representar a si mesmo.”

Rosa lembra que, quando vinham celebrar o escritor como uma voz em prol da libertação da comunidade gay, pelo romance “O Quarto de Giovanni”, ele retrucava. “Não, eu não escrevi um livro sobre a homossexualidade. Isso é superficial, fortuito. Eu escrevi um livro sobre os labirintos do amor.”

A figura de Baldwin, como um homem negro que fugia à heteronormatividade e às masculinidades viris que eram hegemônicas em sua época — aliás, presentes em homens como Malcolm X —, corrobora o que Macedo dizia sobre seu terreno de ambiguidade.

Hoje, num mundo mais acostumado a fazer intersecção entre debates de raça, gênero e sexualidade, a leitura do americano se renova e se alastra. “Baldwin se tornou uma das vozes mais fascinantes do século 20 graças ao seu estilo lícido, que impressiona pela atualidade”, afirma Alice Sant’Anna, que o edita na Companhia das Letras.

Essa atualidade, germinada por autores como ele, o acolhe melhor como referência. Durante a conversa com o repórter, Macedo mostra um aviso que vinha nas primeiras páginas de uma edição de 1967 de “Numa Terra Estranha”, na editora Globo — que, na tradução da Companhia, perdeu a primeira palavra do título.

“Este livro destina-se a leitores adultos: sob nenhum pretexto deve ser posto na mão de menores”, alertava o texto, que logo em seguida saudava a obra como “um dos mais poderosos romances de nossa época”. Algo revelador de um crítico que consegue ao mesmo tempo combater e conciliar, como sugere Sant’Anna. “É uma proposta de fazer com que nós, brancos, percebamos o nosso lugar e, a partir daí, propor uma transformação.”

“A maior crítica dele é à hipocrisia da América”, afirma Allan da Rosa. “Ele apresenta a neurose do racista, mostra como há uma tormenta no puritanismo do branco, que elabora um sistema discursivo e ideológico para dar conta de ser pseudocristão, linchador e segregacionista. Esse é o grande abismo. Ele mergulha nessa subjetividade e em como isso se esparrama nas almas negras.”



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ